

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censur

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Editor—José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Noticias literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

DECANO DOS JORNALS DO DISTRITO DE BRAGA

O arranque das vinhas

Os Sindicatos Agricolas da Região do Porfo enviaram ao sr. Ministro da Agricultura uma representação, pedindo a revogação da determinação do extermínio total da videira americana Isabela, que muito descontentou a classe rural destas e doutras regiões. Uma modificação á lei, diz a mensagem, seria bem aceite pela classe rural, tão ferida por este golpe tão grande na sua economia e essa modificação visaria á proibiçào do transito, e venda desse vinho, em todo o país, estabelecendo graves penalidades para os transgressores, que podiam ir até elevada multa e prisão. Com estas providências, ninguem se atreveria a transitar com esse vinho, nem a tê-lo á venda.

E assim o seu cultivo seria apenas para o gasto privado de cada casa.

Rectificação

Na noticia publicada no numero passado acêrca do nosso amigo Mário Vieira, passou involuntariamente uma falta que vamos corrigir.

Onde se dizia... «a responsabilidades que tinha» devia dizer-se... «a responsabilidades que não tinha».

Fica assim ressaltada a omissão do não que desvirtuou a nossa intenção.

A todos e em especial ao velho amigo Mário Vieira, as nossas desculpas.

Produtores directos

Do Ministerio da Agricultura e da Direcção Geral dos Serviços Agricolas, recebemos com o pedido de publicação, o seguinte:

«Verifica-se que o aviso recentemente publicado

acêrca dos produtores directos tem sido, nalguns casos, mal interpretado e por isso entende-se conveniente renovar a explicação anteriormente feita e ampliá-la com novos pormenores.

«Congressos e resoluções internacionais a que Portugal deu a sua adesão condenaram a cultura dos produtores directos, como causa de desequilibrio dos mercados do vinho e como origem de aviltamento da qualidade.

«A França, a Alemanha, a Itália e outros países, adoptaram medidas identicas ás nossas—proibiçào dos produtores directos existentes.

«Quere dizer, países que, como Portugal, têm marcas mundialmente conhecidas e acreditadas e que desejam manter esse crédito ou aumentar o seu prestigio, tomaram medidas de defeza contra um vinho sem qualidades, que só tem a defendê-lo o seu baixo custo de produção.

«Em Portugal, a região onde dominam os produtores directos é a dos caracteristicos vinhos verdes, onde a sua produção média anual pode computar-se em cêrca de 51.000 pipas, ou seja sensivelmente um quinto da produção total da região

«Esta elevada massa de vinhos de produtores directos é uma das causas do desequilibrio de preços a que está sujeito o vinho verde e é um dos motivos de descredito dos vinhos da região. Se queremos equilibrar os preços, se queremos reconquistar os mercados perdidos pelos mo-

tivos expostos temos, como base de todo o trabalho, de proceder á enxertia dos produtores directos. A região está demarcada em razão do vinho nobre que produz; para defeza da demarcação, importa eliminar os vinhos que abastardam os seus tipos tão caracteristicos e apreciados. Portugal, csnstitue uma unidade economica; e demarcação das regiões vinícolas não estabelece fronteiras dividindo o País em pequenos estados com economia própria. A demarcação visa a defeza da qualidade dos produtos e se dentro das regiões demarcadas se continua a produzir vinho de inferior qualidade, a demarcação não tem razão de ser e deve acabar.

«Fóra da região dos vinhos verdes, há uma zona com caracteristicas agroclimáticas afins, com culturas semelhantes, com sistemas de exploração de terra identicos, zona densamente povoada; aí, também os produtores directos se desenvolvem: tem tambem de se proceder á sua enxertia.

«Repete-se Portugal, só tem uma fronteira e dentro dela todos os portugueses estão ligados pelo bem comum. Não pode haver regionalismos contra o interesse geral; há acima de tudo, a comunidade de todos os portugueses e esta manda sacrificar os privilégios de alguns em favor do bem de todos.

«E' em nome do interesse da viticultura nacional que se determinou a enxertia dos produtores

directos.

«A enxertia ou substituição dos produtores directos por castas nacionais é uma obra nacionalista;

nacionalista, porque obriga a cultura de castas tradicionalmente portuguesas;

nacionalista, porque a cultura da vinha portuguesa ocupa mais braços do que a cultura da vide estrangeira;

nacionalista, porque visa a valorização dos nossos vinhos;

nacionalista porque tende á prosperidade económica do País

Que todos os portugueses a compreendam, é o desejo do Ministerio da Agricultura.

CORRESPONDENCIA

O FADO — CANÇÃO NACIONAL

...Snr. Redactor:

Apareceu agora para ahí á venda um livro intitulado O FADO, em que, segundo me dizem, é rudemente atacada a velha canção nacional portuguesa.

Não conheço o autor do livro, nem quero saber dos argumentos com que pretende desacreditar e derrotar o Fado.

Mas desde já posso declarar que quem censura, ataca e desprestigia o Fado portuguez, como o Tango argentino ou a Malaguenha espanhola; tem certamente cardos no coração.

Só aquêles para quem a musica traduz apenas um ruido ou barulho é que podem ridicularizar ou condenar o nosso Fado.

Que se tenha abusado da canção, em letra soez ou imoral, com a ponta do cigarro ao canto da boca, como disse Antonio Arroio, isso são excepções que não destroem a beleza, a pureza, o sentimento da musica do Fado.

Tambem ao som da «Por-

tugueza» como da «Marselheza» se tem cometido muitas inconveniências e crimes, e elas lá continuam a ser o hino nacional dos respectivos paizes.

O mundo anda agora torto de todo, e só faltava esta de entre nós surgir um livro a atacar o portuguezissimo Fado, como D. Quixote a atacar os moinhos!

Mas os moinhos lá continuam e D. Quixote passou á História. E' o que ha de acontecer com as guitarras e o «Fado» (livro).

O Fado em Portugal, como o Tango na Argentina, e a Malaguenha em Espanha são canções do Povo; são vibrações da alma do Povo. Musica, por isso mesmo, nacional. Pois é o Povo que faz a Nação, e não meia duzia de criticos que o censuram ou o queiram menosprezar.

E vós, rapazes das Universidades! Orfeões de Portugal! Mocidade das serenatas! Quando quizerdes vir para a rua dando expansão aos vossos peitos juvenis, a pensar na virgem dos vossos ideaes, ou quando desejardes voltar ao Estrangeiro a comover e a fazer pulsar os corações dos ouvintes com os trina-dos da guitarra e vossos cantares, mandae para os quintos o livro do snr. Luiz Moita, e para o diabo os que disserem mal da nossa canção.

E vós, academia de Coimbra! entre violas e guitarras, cantae o Fado, essa tipica e deliciosa música que é privilegio da nossa raça e pela qual se avivam e depuram os dois mais nobres sentimentos do peito humano —o Amor e a Saudade.

Cantae! Cantae sempre o Fado, consagrando e perpetuando assim a célebre quadra com que em reptos de puro nacionalismo nos deliciava o Hilario, e que ainda hoje ecoa dulcilocua na encosta da Couraça de Lisboa, nos meandros do Choupal e nos poeticos recantos da Lapa dos Esteios:

«Se o Padre Santo soubesse
O gosto que o Fado tem,
Viria de Roma aqui
E o cantaria tambem».

3-2-1937.

SOUSA RIBEIRO.

Hora de verão

Principia hoje, 3 de Abril, ás 23 horas, os relogios deverão ser adiantados em sessenta minutos, estabelecendo-se desse modo a hora de verão

pela qual se deverão regular todos os serviços publicos e particulares.

PEQUENAS NOVELAS

A SENHORA CARIDOSA

Quando a Ivone ficou orfã, foi entregue a uma Tia, que nunca viu, nomeada pelo «conselho de familia,» para a educar e administrar o seu patrimonio.

A pequena adaptou-se o melhor possivel á nova situação, e não estava mal instalada, num severo edificio de arcarias antigas e abobadas conventuais.

A dona da casa, idosa e solteira, recebeu com carinho, aquella juvenil companheira de doze anos, que o ceu lhe enviava, como presente bendito, para alegrar a sua velhice.

Materialmente, a Ivone, sentia-se bem. O conforto da sua antiga vivenda reflectia-se ali, com exuberante intensidade e mais requintado luxo.

Desaparecera o affecto carinhoso dos pais, insubstituivel, é certo, mas a Tia, tratava-a com tanta bondade e ternura, que, seria ingrata, julgando-se infeliz.

Assim, foi crescendo.

Notava, no entanto, com pesar, que faltava ali alguma coisa da suma importancia, que so brava em sua casa—Caridade.

Pobre que batesse ao portão, a saudosa mãisinha, não deixava seguir sem o conforto duma esmola.

Na casa de sua Tia, não. As criadas tinham ordem de as correr, como cães atacados de hidrofobia.

Ivone vivia desgostosa, com tal procedimento e todas as vezes, que ouvia recusar um bocado de pão a algum mendigo, sentia apertar-se-lhe o coração e o peito oprimido por uma dor atroz, quasi asfixiante.

E a compadecida menina, pensava:

Ambas milionarias, para que não deixaria a amavel Tia, tam bondosa para ela, repartir os sobejos da sua lauta mesa, com creancinhas desprotegidas, velhinhas desamparadas?!

Tentou mesmo deitar a «capa de misericordia», sobre os desgraçados sem lar e aventurou algumas palavras, a proposito dum ceguinho, que se avistava da janela, encostado á parede, na esquina da rua, magro, andrajoso, o rosto mirrado de fome, estendendo as mãos esqualidas á multidão indifferente!

Nessa tarde, a casa não derriu... pela simples razão da solidéz dos alicerces...

A Tia, quando ouviu a so-

brinha defender os pobresinhos, com tanto sentimento e solicitude, tornou-se apoplectica e declarou, «não haver coisa mais irritante para os nervos, que esse bando miseravel de chorões, lamuriantes e mal-cheirosos...».

«Que trabalhem! que trabalhem!» dizia irada, derrubando cadeiras, tombando jarras...

«Bandidos,» gritava, e dava murros na mesa, abalava tudo, quebrava estatuetas!...

«Cafila de inuteis!»

«Parasitas da sociedade!»

Com as feições transtornadas, os olhos, fóra das orbitas, o rosto violaceo, encerrou-se nos seus aposentos e não jantou por estar indisposta.

Ivone lamentava a originalidade da Tia e fazia intimas apreciações:

Em casa, não dava esmola para não ver o espetaculo de «vadios» á porta! Na rua, não abria a bolsa para os «bandidos», não lh'a roubarem!

Um pedinte, magro, palido, olhos brilhantes de febre, presa irremediavel da tuberculose, não a comovia!

Se lhe estendia a mão uma debil mendiga, faminta, estampada a miseria na face, objectava, sem hesitar: «*raça de preguiçosas, não querem aturar patrões*»...

Uma vez, uma rapariguinha esfarrapada, ruida pela tísica, pediu-lhe esmola com voz dolorida, enternecedora! Nada lhe deu... «*para não ganhar habitos de pedir*.»

Uma infeliz mãe, rodeada de creanças, implorando compaixão para os desventurados pequeninos, fez-lhe aflorar aos labios esta injustificavel frase: «*Não tenha filhos, quem é pobre não tem direito a luzos*».

A sobrinha pasmava de tanta iniquidade! Sua Tia possuia um coração feito de lascas de pedra!!!

E a compassiva donzela, todas as noites prostrada em oração, pedia á Santa Terezinha do Medino Jesus, o milagre de converter sua querida Tia, tornando-a caridosa e compadecida para com os pobres.

*
* *

Passavam-se anos, uns, apóz outros, sem se modificar a attitude da excepcional senhora, no concentrado odio aos necessitados.

Foi, porém, atenuada a situação da infortunada pobreza, graças ás esmolas que a sobrinha fazia, tomando todas as precauções para não ser descoberto o segredo.

Uma noite, estavam as duas senhoras sentadas na sala de trabalho. Ivone entretinha-se a enfiar as contas dum colar e a Tia,

com a cabeça encostada ao espaldar da poltrona, distraía-se a ouvir a chuva, que batia, ruidosamente, nos vidros, e o vento furioso uivando ameaçador.

—Que medonha noite, disse a jovem...

—Recorda-me uma outra, passada ha muitos anos...

Os olhos da sobrinha estavam ansiosos, interrogadores...

—Sim, eu conto... Foi ha trinta anos... Morava numa vila dos arredores de Lisboa e, impuz a mim propria, a sublime missão de socorrer todos os pobres, missão que cumpria exultando de alegria, pois, nada conhecia, então, que desse mais prazer á alma, que a caridade com o nosso semelhante.

Formei uma especie de «cantina» para adultos e creanças, onde, os pobres teriam certa, ás onze horas da manhã e ás seis da tarde pão e sopa em abundancia, escrupulosamente preparada, temperada com bom *adubo*. Era um grande melhoramento, chegando a aproveitar este beneficio, indigentes de freguezias afastadas e longinquas!

O meu maior titulo de gloria, era ver as mesas da minha «cantina» cheia de desprotegidos da sorte, que comiam sofradamente, uma, duas e tres tijelas de sopa!...

Os pobres, respeitadores fingidos, de humildade aparente, chamavam-me a «Senhora Caridosa», e queriam beijar-me a mão, quando descia ac pateo, a rever-me na minha obra!

Mas... em tudo ha abusos!...

Queixaram-se patrões, contra operarios, que se despediram das oficinas, e, vagabundeavam pelas ruas, vindo, depois, esmolar a sopa á hora propria.

O gerente fez uma selecção deixando, apenas, os necessitados autenticos.

Este gesto não foi aceite com agrado, mesmo pelos que ficaram, por serem parentes dos preguiçosos.

E uma noite... noite horrivel como esta, em que a chuva encharcava as ruas e o vento silvava impetuoso, pobres e operarios, assaltaram-me a casa, roubando e destruindo, o que poderiam levar!

Foi uma passagem de vandalismos, que deixaram os creados, quasi mortos e, a mim, amarrada e amarrada no meio dos destroços da mobilia.

Ivone, com os olhos desmesuradamente abertos, estava inerte, palida, apavorada!

—Aqui tens, minha querida sobrinha, uma «Senhora Caridosa,» que há trinta anos, como represalia, não dá um tostão a um pobre!

N.

O meu Jesus?

Terras em fora, sempre co'a ideia
Da Paternal Doutrina ir espalhar,
Jesus vai té á longe da Judeia
Com seus irmãos, apóstolos, prégar.

E grande fruto já Ele contava,
Quando uma noite trágica, sero luz,
Enorme turba de homens O buseava,
E prendendo—O consigo—O conduz.

Passou Jesus a vida, a fazer bem;
Porém, os homens, cegos de tal sorte
Stavam, que nada, nada disso vêem,
O Inocente condenando à morte.

Na sua casa, canta, ri Maria.
As aves, cantam mais ela também.
Subitamente, grande hipochondria
Invade a Virgem Pura, A Virgem Mãe.

E os passarinhos, vão de ramo em ramo
Até á porta, ver o que Ela tem.
E diz-lhe um:—«Virgem, eu que tanto te amo,
Vendo que choras, chorarei também.

«Tu que inda agora a nós tanto sorriste,
Mudaste logo, logo, de repente...
Diz-nos ó Virgem, porque estás tam triste?
Teu coração, oh! diz, o que presente?

«O' Virgem bela, Virgem bela e Pura,
Diz-me, ó Virgem, que te aconteceu?
Oh! vê, 'stá triste a própria natura;
Até o sol, a luz forte abateu».

—Linda avezinha, eu choro sem saber
Qual a razão, mas... ai, o meu Jesus?
Que será dele que é todo o meu ser?
Que é feito dele, dele, a minha luz?

Meu coração, não sei, mas... atuncia...
Não sei, não sei, não posso decifrar.
O meu Jesus partiu-se p'rá Judia.
O que fará não posso adivinhar.

Terá morrido? Foi crucificado?
Meu coração... não sei, mas ele sente...
Jesus, Jesus, Jesus... oh! em que estado
M'eucontro... Vou, o coração não mente.

Não mente, não. Vou já buscar Jesus.
Passarei montes, rios e campinas
Alumiada, ou sem nenhuma luz,
Mas partirei. Adeus, aves meninas.

Partiu-se a Virgem, velha já, coitada,
A procurar o Filho estremecido,
Atravessando montes, vales, 'stradas,
E dando ás vezes um longo gemido.

E na Judeia, co'a pesada cruz,
Desfigurado, cheio de fraqueza,
Aus ziguezagues, lá ia Jesus
Sem forças, sem ajada, sem firmeza.

Longe, lá longe, vai Maria, «ficta».
E as florinhas, vendo. A chorar,
Dizem sózinhas:—«Oh! E' tam bonital...
Vai tam de-pressa... Vai a soluçar...»

Muito ansiosa a Virgem perguntou:
—Minhas florinhas, lindas como a luz,
Dizei: da gente que por cá passou,
Dizei, não vistes ir o meu Jesus?

E vós, ciprestes altos, não sabels?
Não m'enganeis, dizei-me por favor,
O meu Jesus passou cá? Não dizeis?
Não dizeis onde 'stá o meu Amor?

E soluçando, lá ia Maria
De planta em planta sempre a perguntar,
Emquanto montes ou vales descia
Mui triste sempre, e sempre a chorar.

Cansado, triste, lá ia Jesus,
Cheio de açoites, 'scarros, bofetadas;
E não podendo co péso da cruz
Abre, caindo, as chagas já cansadas.

A Virgem Pura, lá ia a chorar
Lágrimas tantas como as duma fonte;
E lá seguia, quando sem contar,
Ouve barulho p'ros lados do monte.

Parou. Melhor se pôs a escutar.
Bate mais forte o triste coração.
E de tão longe julga divisar
Um conhecido entre a multidão.

Não corre, vò a Virgem tam formosa
E... oh! encontro triste, c'ama cruz,
Lá vai... Lá vai em marcha dolorosa
O Filho amado, o seu qu'rido Jesus.

Birmão Peralto.

CONTOS E LENDAS DO MINHO

AJUSTE DE CONTAS

Na interessante novéla que publicamos no ultimo numero deste jornal com este titulo saíram alguns erros, que bastante nos desgostaram e de que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Assim na 4.^a pagina, columna 1.^a, no final, onde se lê: «não haja duvidas, deve lêr-se: não hajam duvidas, e onde se lê: de olhares cúpricos e garras esperavam, deve lêr-se: de olhares cúpidos e garras abertas esperavam, e na columna 2.^a da mesma pagina onde se lê: perguntou, deve lêr-se: perguntou.

Alguns outros que por acaso escapaassem á revisão deixamos a sua correccção á intelligencia do caro leitor.

Damos tambem aos nossos leitores a agradavel noticia de que muito em breve o snr. Dr. Teotónio da Fonseca, dará a publicidade, em edições especiais não só estes lindos e interessantes contos, como tambem os volumes de *O Concelho de Barcelos Aquem e Alem Cávado*, os quais se está a ultimar a sua decisiva revisão para entrar em impressão, trabalhos estes de grande merito e estudo consciente.

Domingos Gomes

«Bréve Comentário á Corografia Portuguesa,

E A

IMPrensa

IX

O nosso velho amigo Procópio d'Oliveira, jornalista distinto e fundador do jornal o «*Nauta*», de Ilhavo, no seu numero de 6 de Março de 1937, uma vez mais fez justiça ao trabalho do nosso amigo snr. Domingos Gomes.

A sua critica, conscienciosa e ponderada, merece tambem os nossos parabens:

• LIVROS

«O snr. Domingos A. d'Almeida Gomes, de Espozende, é um novo, mas um

novo ilustrado que nas letras tem um futuro elogioso, como se vê pelo seu trabalho *Bréve Comentário á Corografia Portuguesa* (Estudo histórico).

Evidentemente que não se procura já nele a erudição do espozendense illustre Dr. Teotónio da Fonseca, que d'uma maneira geral e firme historiou o seu concelho. Por isso mesmo que o snr. Domingos A. d'Almeida Gomes, que é estudante, tem ainda, para chegar a esse termo, um largo campo a percorrer.

Contudo, entrando em assumpto em parte já tratado pelo illustre autor do *Espozende e o seu Concelho*, mostra que é estudioso e intelligente na investigação histórica.

Quer saber, e para isso consulta vários autores, se a uma freguesia do concelho de Espozende, se deve chamar *Gândara* ou *Gándra* (S. Martinho de).

O snr. Dr. Teotónio da Fonseca chama-lhe *Gandra*, que «quere dizer planicie inculca e esteril».

Acrescentando:

«Esta freguesia vem nas inquirições de 1220 com a designação—«De Sancto Martino de Gandra».

A dar-se crédito a esta noticia, a etymologia indica que se deve dizer *Gândara* (terreno arenoso; charneca), e não *Gándra*. Posto—que o sr. Eduardo de Noronha, no seu *Dicionario Universal Ilustrado*, tambem assim a designe; além que, ás duas palavras dá a mesma significação etymológica, misturando as duas freguesias—de *S. Martinho*, de Ponte do Lima, e *S. Martinho* de Espozende—na mesma terminação—*Gándra*.

Tambem o P.^o Carvalho da Costa quer que seja *Gándara*; e foi principalmente esta opinião que deu ensejo á publicação do curioso opusculo de controversia e melhor esclarecimento, do sr. Domingos A. d'Almeida Gomes.

Seja como fór. Não é a mim, que fico distante, que cumpre profundar devidamente o assumpto, que, figuradamente, se resolve em duas pennadas de tinta:

Todo o Minho é lindo, cultivado e fertil. *Charneca* (gândara — V. Eduardo de Noronha), não podia, em tempo algum, ali ter havido. Logo, tem razão o snr. Domingos A. d'Almeida Gomes: Deve chamar-se á freguesia lá do seu concelho, *S.*

Martinho de Gándra, e não de Gandara.

Diz o autor do *Bréve Comentário á Corografia Portuguesa*:

«... alguns historiadores afirmam que *Gándara* e *Gándra* vem a ser a mesma coisa, podendo ser empregadas as duas formas indistintamente e com o mesmo significado».

Eduardo de Noronha é d'esta opinião, tratando a palavra como *substantivo feminino*; mas corograficamente, chama á freguesia de *S. Martinho*, de Espozende—*Gándra*, tal qual os snrs. Dr. Teotónio da Fonseca e Domingos A. d'Almeida Gomes. Seja!

Procópio de Oliveira.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Está completo o II volume desta notavel obra.

Está publicado o 24.^o fasciculo da *Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira*. Esta noticia teria o valor banal duma mera informação aos compradores da obra, se a publicação deste 24.^o fasciculo não fosse o fecho do segundo volume da obra, e isso não tivesse um significado muito especial como afirmação concreta de duas virtudes raras: o estôrço quasi heroico dos que lançaram num meio acanhado uma obra deste vulto, e o apoio solícito do grande publico que soube compreender a grandeza do empreendimento e o valor da obra;

Do arrojo dos editores e do favor do publico nasceu, como era de esperar, o triunfo da *Grande Enciclopedia*, triunfo erguido em bases solidas que é uma réplica a todos os pessimistas—derrotistas que grassa na nossa terra.

Este segundo volume da *Enciclopedia*, soube corresponder ao favor do acolhimento. Apresenta-se com um numero de paginas (1.040) muito superior ao do primeiro, insere 25 estampas de arte, em separata, muitas delas a cores, mais de 600 gravuras no texto que atinge 180.000 linhas de composicão, mapas valiosos intercalados e uma apresentação grafica modelar. Escusado dizer que o preço deste volume é igual ao do primeiro. Dentro de dias estarão em distribuição as capas luxuosas do editor e postos á venda a preços vantajosos, os dois volumes já publicados.

E aqui está como a boa

vontade, a boa orientação e a Féduma empresa honesta nos seus processos e intenções tem conseguido realizar uma grande obra de cultura nacional de que o país carecia e cuja publicação ha dois anos parecia a muitos a mais arriscada das tentativas.

São colaboradores do presente fascículo: dr. Antonio Sergio, Cardoso Gonçalves, professor Luiz de Pina, professor Cunha Gonçalves, etc. e entre os dois milhares de vocabulos que insere merecem-nos referencia pela forma superior como estão tratados: *Apocalipse, Apocalipse do Larvão, Apoplexia, Aplanetismo, Apocrifos, Apolice, Apostasia, Apostolado, Apostolos.* etc.

Dentro d'um mês estará publicado o primeiro fascículo do terceiro volume da *Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira*, a mais notavel obra até hoje saída de prelos portugueses.

Nesta vila assina-se na Livraria Espozendense, aos volumes ou fascículos, conforme convier ao subscritor.

Tambem nos encarregamos de mandar vir as capas e da sua encadernação pelos preços marcados nos anuncios dos fascículos.

Livraria Espozendense, Rua 1.^a de Dezembro, 7 a 9—Espozende.

LITERATURA

QUADRAS SOLTAS

Estava a noite serena
E contigo eu passeava,
Quando o meu coração disse,
Baixinho, ao teu que o amava.

Por teu amor ser fiel,
Ser nobre o teu coração,
Sempre hei-de amar-te, oh! querida,
Com uma leal paixão.

Ah! muda-se o meu semblante
E o meu peito em alegria,
Ao ouvir pronunciar
O teu nome de Maria.

1937 B. R.

Espanha em fogo

Ali na Espanha próxima, não sei
Que desusada e forte barulheira
Há tempos vinha ouvindo. Caminhei,
Mas inda cá, ouvi uma enfermeira...

Scutei melhor. Fiquei desapontado
A ouvir bombas, balas, aviões...
Avante fui; mas vi muito admirado
Tanks de guerra, horriferos canhões.

Estarrecido estava; todavia
Logo ao entrar ali numa cidade,
Talvez comigo, quasi choraria
Se a visse assim, tóda a humanidade:

As tam amadas casas, destruidas.
As longas ruas, juncadas de mortos.
Fortes canhões, roubando sempre vidas
Grandes vapores, pondo fim aos portos.

Via-se a Espanha tóda em fogo ardente,
Via-se a Espanha em guerra super-forte,
Té as crianças, lindas, inocentes
Não excluir a horrifera morte.

Templos, igrejas, tudo derrubado.
O pai tam qu'rido ou homem ou irmão,
Não mais voltou ao ninho abençoado
Desde o começo da revolução.

E as criancinhas choram pelo pai.
Chora igualmente a esposa o seu marido.
Triste, a vélhinha dá um fundo «ai»
Pelo seu filho tam estremeado.

—Mas qual a causa de tam atroz guerra?
Porque a miséria tanto invade a Espanha?
Porque será que nessa grande terra
Sentimos hoje esta queda tamanha?

—É que na Espanha houve a grande imprudencia
De receber em casa o comunismo;
Mas hoje, sofre disso a consequencia,
Que já levava quasi pró abismo.

O' portugueses, ponde os olhos lá,
E reflecti depois um bocadinho...
O comunismo, faria-nos cá
O que faz hoje no país vizinho.

MORS-VITA

Já expirou Jesus. A terra treme.
A natureza inteira se augustia.
Reabre-se por si a campa fria,
E encostada á cruz, Maria geme.

O sol escureceu. O povo frende.
E já tarde alta, quando morre o dia,
O Rei crucificado da Judia
Ao tumulto desceu. O mundo freme.

Julgando então que alguém. O roubaria
A pedra Sacram com mil cuidados,
Pondo tambem soldados de vigia;

Mas como estavam bastante cansados,
Adormecem. Safa-se a pedra fria.
Ressuscitou Jesus. Ficam pasmados.

28-III-1937.

Birmão Peralto.

Construções navais

Consta-nos que em breve se irão construir no estaleiro velho mais duas traineiras.

Antes assim. Espozende como todas as terras pequenas necessitam deste movimento para melhoramento das classes trabalhadoras.

Recenseamento eleitoral

Foram afixados editais annunciando que, desde 1 a 10 do corrente todos os cidadãos que se julguem com direito a voto, podem verificar na Secretaria da Camara se estão inscrito no respectivo recenseamento e reclamarem em caso negativo a sua inscrição junto das Comissões citadas no art. 7.º do Decreto n.º 33.406.

Em Festa

Está em festa a Casa da Seára pelo segundo aniversario do menino Artur Manuel, filho do Snr. Dr. Artur de Barros Lima.

Parabens aos ditos pais.

Senhor de Fão

Realisa-se amanhã e segunda-feira, a festa do Senhor de Fão, bem conhecida de todos nós. Pelo programa cheio de atrativos, é de esperar grande concorrência de forasteiros

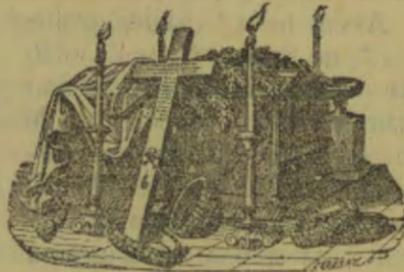
Bois gordos

A melhor estampa abatida no nosso matadouro por ocasião da matança da Pascoa pesou 628 quilos e pertencia ao snr. Boaventura Pereira da Silva. O segundo pesou 610 quilos do snr. Adolfo Rodrigues Ferreira, e o terceiro pertencente ao snr. Manoel José de Carvalho com 250.

Todo este gado era limpo e perfeito.

Lampreias

Tem saído algumas nestes ultimos dias. O seu preço é já em conta.



AGRADECIMENTO

Amelia dos Santos Abru, penhoradissima para com todas as pessoas que se dignaram cumprimental-a por ocasião do falecimento de seu sempre chorado esposo e lhes patentearam os mais valiosos serviços que julga ter agradecido, mas supondo que podessem escapar faltas, vem por este meio reparar alguma que tenha cometido involuntariamente, protestando ao mesmo tempo o seu eterno reconhecimento a todas as pessoas que obsequiosamente lhes prestaram o auxilio da sua presença.

Fão, 30 de Março de 1937.

NOVIDADE

ESPOZENDE

ATÉ 1258

por

Baptista de Lima

Divagações históricas, 1 vol. de 72
paginas, 3 escudos.
Pelo correio 3\$30

Edição da Livraria ESPOZEN-
DENSE—Espozende, a quem de-
vem ser feitos os pedidos.

A' venda na Papelaria Miran-
da, Largo da Calçada, BARCELLOS.

Dr. Teotónio da Fonseca

ESPOZENDE E O SEU CONCELHO

Desse preciosissimo trabalho de que se imprimiu uma tiragem relativamente pequena restam ainda alguns exemplares á venda.

Sensacional novidade literaria!

O romance que maior êxito tem obtido no ultimos tempos, que revelando toda a verdade do que se passou quando da revolta popular do Minho.

A MARIA DA FONTE

Obra historica de incontestavel valor para todo o publico, e em especial para os arqueologos e estudiosos, original do escritor

A. Victor Machado

A MARIA DA FONTE não é um romance fantasiado; é a Verdade dos factos que se desemrolaram naquela época.

Obra completa em 2 volumes, em assinatura mensal de 4 tomos de 32 paginas a 1\$25.

Pedido de assinatura ao editor—João Capela Torres—Rua Martens Ferrão, 20—LISBOA.

A PATRIA

Sociedade Alentejana de Seguros

Séde em **EVORA** em propriedade sua.

Delegação no **PORTO**
AVENIDA DOS ALIADOS, 81-1.º
Telefone—4903

Efectua **SEGUROS DE VIDA**

em todas as modalidades bem como:

Incendio, Cristal, Postal, Desastres no Trabalho, Maritimo, Responsabilidade Civil, Roubo, Agricola, Acidentes, individuais.

Reservas em 1932:

Esc.—3.278.596\$75

Agente em FÃO E ESPOZENDE
António de Sá Pereira

No proximo numero grande novidade literaria.

Joel de Magalhães
MEDICO

Em Espozende das 9 ás 12 e em Fão das 14 ás 15 e meia horas